

ISSN: 2319-0124

PROTEÇÃO À SAÚDE E AO MEIO AMBIENTE: um estudo da percepção dos trabalhadores rurais

Michelly A. R. CRUZ¹; Paulo O. GARCIA²

RESUMO

O processo de produção agrícola no Brasil passou por mudanças ao longo das últimas décadas, e com isso foram introduzidas novas tecnologias que têm por objetivo a viabilização de culturas extensivas fomentadas pelo uso intensivo de agrotóxicos. Assim, o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) é de extrema importância para a saúde dos trabalhadores rurais, assim como o domínio por esses de práticas voltadas a diminuição de impactos ambientais. Por isso, este trabalho objetiva identificar se os agricultores fazem uso adequado desses equipamentos e, concomitantemente, pretende-se analisar a percepção destes trabalhadores rurais quanto à sustentabilidade de suas ações. Como resultado, foi evidenciado que muitos dos entrevistados não utilizam os equipamentos de forma correta e a maioria não conhece ações para prevenir danos que os defensivos podem causar no ambiente.

Palavras-chave: Agricultura; Defensivos Químicos; Educação Ambiental; EPI 's; Sustentabilidade.

1. INTRODUÇÃO

Na década de 1950 o processo no Brasil de produção agrícola passou por fortes alterações a partir da introdução de novas tecnologias que visavam à cultura extensiva e envolve o uso amplo de defensivos químicos, a fim de controlar doenças e aumentar os rendimentos (ALVES, 2002). Esses defensivos foram legalizados e comercializados no país, porém, sendo frequentemente manuseados de forma equivocada, com aplicação excessiva do produto e sem a adoção de medidas protetivas aos trabalhadores rurais. Atualmente, o uso desses produtos está atrelado ao controle de pragas, aumento da produção e à tradição familiar (JACOBSON et al., 2009).

O avanço da utilização dos defensivos químicos foi impulsionado pelo desejo do homem em melhorar as condições de vida, assim aumentando a produção de alimentos. Soma-se também o contínuo crescimento populacional humano que impõe pressões à agricultura, exigindo constante aperfeiçoamento do sistema de produção, como a adoção das novas tecnologias (BORSOI et al., 2014). Por fim, Silva et al. (2013) informaram que o uso dos defensivos agrícolas também tem uma dimensão cultural.

¹Bolsista PIBIC/Institucional, graduanda em Ciências Biológicas, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: michelly05avila@gmail.com.

²Docente EBT do curso de Ciências Biológicas, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: paulo.garcia@ifsuldeminas.edu.br

Independente ao componente gerador, o manejo inadequado de agrotóxicos pode estar associado à prevalência de doenças em humanos (JOBIM et al., 2010). No entanto, informações sobre as consequências negativas para a saúde e ambiente ainda são incipientes. Portanto, estudos sobre defensivos químicos, que no caso implica levar em consideração os riscos ambientais e de saúde decorrentes do uso destes insumos na agricultura, podem ser considerados como um dos determinantes para a construção de uma realidade que prejudique menos a saúde e o meio ambiente (AYRES et al., 2003).

Nesse sentido, destaca-se o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), que são de extrema importância para prevenir intoxicações e danos ambientais. Dessa maneira, esta pesquisa tem por objetivo identificar se os trabalhadores rurais usam os EPIs para aplicação de defensivos químicos de forma adequada, assim como busca-se caracterizar o conhecimento desses quanto à existência de práticas protetivas durante o manuseio de produtos potencialmente tóxicos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada por meio de entrevista, que foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Foram aplicados questionários a 45 trabalhadores rurais maiores de 18 anos e residentes em Areado, localizada no sul de Minas Gerais. De acordo com o último censo agropecuário do município conduzido em 2017, aproximadamente 71% do território foram destinados a ações agrícolas e pecuárias (IBGE, 2022), o que elucida a importância econômica, cultural e social dessas práticas para as sociedades locais.

A seleção dos entrevistados foi feita por meio de uma lista da associação dos moradores rurais fornecida pelo Sindicato dos Produtores Rurais de Areado/MG. As entrevistas ocorreram entre maio de 2022 a julho de 2022 e foi composta pelas perguntas: 1. Você faz uso de equipamento de proteção individual durante a manipulação do produto? Se sim, quais?; 2. Você conhece alguma ação para prevenir os riscos ao ambiente quando se usa defensivos químicos?; 3. De 0 a 10, atualmente, o quanto você acha que nossas ações em relação ao ambiente podem afetar as gerações futuras?

Os dados coletados foram organizados em planilha eletrônica para serem analisados por meio de estatística descritiva e, também, para a construção de tabelas que permitiram reconhecer padrões nas respostas dos entrevistados, assim podendo ser analisado o conhecimento e a percepção ambiental dos trabalhadores rurais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dos 45 entrevistados, 42,22% foram mulheres e essas relataram não ter contato com os

defensivos químicos. Por outro lado, todos os homens investigados relataram que possuem contato com esses produtos, sendo que 38,46% disseram não utilizar EPI durante essa prática. Entretanto, salienta-se que entre aqueles trabalhadores rurais que informaram utilizar EPI (61,53% do total de entrevistados), 43,75% o usam de forma incompleta, pois alguns relataram apenas o uso de máscaras para proteção de nariz e boca.

Dessa forma, percebe-se que os riscos de intoxicação são altos, pois a proteção deve ser completa, visto que as vias de contaminação são também cutâneas, nasais e oculares. De acordo com Souza et al. (2016), os trabalhadores reconhecem a importância de se usar a proteção ao lidar com os defensivos químicos. Mas, essa é uma prática pouco frequente entre agricultores brasileiros e muito pode ser falado neste sentido, como o fato de ter um desconforto trazido pelo uso, a falta de recursos financeiros para ter esses equipamentos e há também questões culturais (SOUZA et al., 2016).

Quando perguntado se eles conheciam alguma ação para prevenir os riscos ao ambiente quando se usa defensivos químicos, 31,1% responderam “Sim” e 68,9% disseram “Não”. Daqueles que desconhecem medidas protetivas, 70,96% não possuem o fundamental completo e 29,03% possuem apenas o fundamental completo e ensino médio incompleto. Entretanto, ao serem questionados sobre qual nota eles dariam de 0 a 10 em relação ao quanto achavam que nossas ações em relação ao meio ambiente afetariam as gerações futuras, 51,1% deram a nota “10”, 24,4% deram nota “8” e 11,1% deram nota “9”.

Nesse sentido, percebe-se que os trabalhadores rurais consideram nossas ações prejudiciais ao planeta e às gerações futuras, entretanto eles possuem dúvidas e têm pouco conhecimento quanto às ações para prevenir esses riscos. Isso mostra o quanto é importante que haja iniciativas e projetos de educação ambiental junto a estes trabalhadores rurais. De acordo com Bernal (2015), a educação ambiental é uma ferramenta importante e um processo permanente que deve ser vivido ao longo da vida, em diferentes espaços políticos e sociais, a fim de fomentar a crítica nos indivíduos e empoderá-los à participação em processos coletivos de decisão, promovendo a efetiva inclusão social. Pelo processo de educação ambiental deve-se discutir e evidenciar as contradições do atual modelo de civilização e, desse modo, auxiliar a percepção dos diversos pontos de vista, fatos e interesses envolvidos, as causas e consequências de cada decisão ou ação tomada.

4. CONCLUSÕES

Portanto, percebe-se que práticas educativas se fazem muito importantes para que se possa esclarecer e conscientizar os trabalhadores rurais quanto ao uso de defensivos químicos, tanto para a proteção da saúde quanto para a proteção e redução dos impactos aos ecossistemas naturais.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao IFSULDEMINAS pelo apoio financeiro recebido para execução desta pesquisa por meio do edital institucional nº 20/2022.

REFERÊNCIAS

- ALVES FILHO, J. J. P. **Uso de agrotóxicos no Brasil: controle social e interesses corporativos**. São Paulo: Annablume Editora, 2002.
- AYRES, J. R. C. M. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**, v. 2, p. 121-143, 2003.
- BERNAL, A. B. **Educação Ambiental e agricultura familiar no Brasil: aspectos introdutórios**. Brasília: MMA, 2015. 68 p.
- BORSOI, A. et al. Agrotóxicos: histórico, atualidades e meio ambiente. **Acta Iguazu**, v. 3, n. 1, p. 86 - 100, 2014. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/actaiguazu/article/view/965>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- SOUSA, J. A. et al. Percepção dos produtores rurais quanto ao uso de agrotóxicos. **Revista Brasileira de Agricultura Irrigada**, v. 10, n. 5, p. 976-989, 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades**. Rio de Janeiro, março, 2022. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso: 22/03/2022.
- introdutórios. Brasília: MMA, 2015. 68 p.
- JACOBSON, L. S. V. et al. Comunidade pomerana e uso de agrotóxicos: uma realidade pouco conhecida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 2239-2249, 2009.
- JOBIM, P. F. C. et al. Existe uma associação entre mortalidade por câncer e uso de agrotóxicos?: Uma contribuição ao debate. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, pág. 277-288, 2010.